

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro Estudo 7 – Após a Conquista da Terra Juízes 1 e 2

Elaborado por Solange Livio
slivio@ibest.com.br

Com esta lição estamos dando prosseguimento ao estudo sobre a conquista de Canaã, porém agora focalizando os acontecimentos da história de Israel após a conquista da terra e posteriores à morte de Josué.

As lições anteriores nos mostraram que, embora Canaã tivesse sido tomada e ocupada por Israel, havia ainda muito território a conquistar quando Josué repartiu a terra por herança entre as diversas tribos, em obediência a uma ordem do Senhor (Josué 13:1-7). As terras restantes ficaram para ser conquistadas no futuro, sob a responsabilidade das próprias tribos, com a garantia de que o Senhor continuaria a pelejar por eles e a lhes conceder vitória, desde que eles também continuassem a obedecer ao Senhor.

É assim que encontramos no início do livro de Juízes os filhos de Israel consultando ao Senhor a respeito da tribo que deveria ser a primeira a pelejar contra os cananeus que ainda habitavam a terra.

Começaram bem. Consultar ao Senhor e aguardar a sua resposta, antes de tomar qualquer decisão, é sempre o melhor que temos a fazer.

E o Senhor respondeu: Judá.

Começaram bem, porém não terminaram do mesmo modo.

Judá e Simeão partiram zelosamente para conquistar as terras do sul de Canaã e estavam prevalecendo sobre os cananeus porque, em fidelidade à Sua promessa o Senhor era com eles.

No entanto, da parte dos filhos de Israel não houve a mesma fidelidade ao pacto feito com Deus. Eles foram obedientes ao Senhor apenas parcialmente, quando deveriam sê-lo de forma completa.

As tribos de Israel passaram a não expulsar os cananeus das terras que iam conquistando, embora esta fosse a ordem do Senhor desde Êxodo 23:27-33; Números 33:51-56; Deuteronômio 7; 20:16-18 e Josué 23.

Então, começou o fracasso de Israel que já não conquistou mais nenhuma cidade. A tribo de Dã chegou a sofrer perdas dentro do território que lhe coube por herança.

Nove nações inimigas permaneceram na terra, de acordo com Juízes 1:19-36.

Por dois momentos Israel recuperou forças e chegou a subjugar os cananeus, tornando-os tributários e sujeitando-os a trabalhos forçados (Juízes 1:28,30,35). Mas não os expulsaram e com eles conviveram em suas terras. Este foi o mal de Israel.

Subjugação não era o bastante. A ordem do Senhor era para expelir os cananeus da

terra, a fim de não se contaminarem com a idolatria praticada por eles.

Aprendemos, então, que obediência parcial equivale a desobediência.

E diante da desobediência, o ‘anjo de Jeová’ ou ‘anjo do Senhor’ apareceu aos filhos de Israel para repreendê-los. Segundo alguns comentaristas da Bíblia, a expressão ‘anjo de Jeova’ é usada no Antigo Testamento para indicar o próprio Senhor nas suas manifestações aos homens. Uma evidência disso é o uso da primeira pessoa do singular em sua fala, em Juízes 2:1-3, e o emprego de palavras usadas pelo Senhor sempre que falou a Israel de sua aliança com o povo, conforme Êxodo 34:12-16 e Números 33:55.

Ao ser lembrado da aliança que acabara de quebrar, o povo chorou (Juízes 2:5). Provavelmente, chorou muito. A ponto de chamarem aquele lugar de Boquim, que significa ‘pranteadores’.

As conseqüências da desobediência e do pecado são sempre muito sérias, graves e dolorosas.

Coisas ainda piores estavam por acontecer em Israel.

Aquela geração foi morrendo, dando lugar a uma nova geração que não conhecia o Senhor nem as Suas obras no meio de Israel (Juízes 2:10).

Lamentavelmente, aconteceu aquilo que o Senhor quis evitar quando ordenou o extermínio dos cananeus: *“os filhos de Israel fizeram o que era mau perante o Senhor; pois serviram aos Baalins. Deixaram o Senhor Deus de seus pais que os tirara do Egito e foram após outros deuses... e os adoraram, e*

provocaram a ira do Senhor” (Juízes 2:11-12).

Influenciado pelos cananeus, Israel caiu em idolatria.

Cumpriu-se o dito do Senhor em Êxodo 23:33: *“Eles não habitarão na tua terra, para que te não façam pecar contra mim: se servires aos seus deuses, isso te será cilada”*

A falta de obediência resultou nas conseqüências anunciadas pelo Senhor em Números 33:55 e em Josué 23:13: *“Sabei certamente que o Senhor vosso Deus não continuará mais a expelir estas nações de diante de vós, mas vos serão por laço e rede, e açoites às vossas ilhargas, e espinhos aos vossos olhos; até que pereçais nesta boa terra que vos deu o Senhor vosso Deus”*.

Para sua humilhação e ensino, justamente os povos que pouparam haveriam de ser laços, açoites e espinhos para Israel. A desobediência requer disciplina.

Foi assim que o Senhor os entregou nas mãos de seus inimigos e não puderam mais resistir. Israel estava em grande aperto (Juízes 2:14-15).

Porém, em sua bondade e misericórdia, o Senhor socorreu a Israel: *“E levantou o Senhor juízes, que os livraram da mão dos que os roubaram”* (Juízes 2:16).

Mas Israel não deu ouvidos aos juízes e voltou a se desviar do caminho do Senhor, seguindo a falsos deuses. Isso se repetiu algumas vezes.

Quando o Senhor levantava juízes, Ele era com o juiz que, pelo auxílio divino, livrava a Israel da mão do inimigo, porque *“o Senhor se compadecia deles*

ante os seus gemidos, por causa dos que os apertavam e oprimiam” (Juízes 2:18).

Vindo a falecer o juiz, Israel se desviava do Senhor e, como conseqüência, caía na mão do inimigo. Então, “*clamaram ao Senhor... e o Senhor levantou aos filhos de Israel um libertador*”...(Juízes 3:9). Um juiz.

Entendemos, então, porque o livro de Juízes é considerado um dos mais tristes da Bíblia. Mas também muitíssimo importante: é um convite ao arrependimento.

O livro é assim chamado em razão dos treze juízes levantados por Deus para dirigir Israel em momentos de emergência, devido à decadência espiritual, seguida de derrota nacional.

Os juízes eram pessoas cheias do Espírito Santo (Juízes 3:10 e 6:34) escolhidas pelo Senhor para serem ‘libertadores’ dos filhos de Israel e que, após isso, seguiam governando o povo.

Enquanto Josué é um livro de vitórias que narra a conquista de sete nações, Juízes é um livro de derrotas que relata sete

apostasias, sete servidões, sete nações pagãs, mas também sete livramentos.

Juízes salienta o contraste entre o homem e Deus: a pequenez do homem, a grandeza de Deus; o homem promete sem considerar se poderá cumprir, enquanto Deus estabelece a sua aliança firmada na sua própria pessoa imutável, conforme Hebreus 6:13; o homem é movido por interesses próprios e por enganos, enquanto Deus, que é perfeito em santidade, não tem motivos para mudar o seu plano.

Por isso, Juízes apresenta oportuna mensagem ao crente de hoje e a toda pessoa que queira ter comunhão com Deus: o descuido dos mandamentos do Senhor e a adoração a deuses falsos conduzem ao fracasso, porém o arrependimento sincero alcança o favor divino.

Duas realidades ganham realce no livro de Juízes: o completo fracasso do homem e a persistente graça de Deus. Esta graça que se revelou salvadora em Cristo Jesus e que nos permite dizer junto com o compositor sacro: “*Um bom amigo, e fiel achei: Jesus, meu Salvador...*” (Hino 79 – Cantor Cristão).

Consulta Bibliográfica:

BÍBLIA Vida Nova 16ª ed.

São Paulo: Soc. Relig. Ed. Vida Nova, 1992.

DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*.

2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

McNAIR, S. E. *A Bíblia Explicada*. 4ª ed.

Rio de Janeiro: CPAD, 1983.